



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE HISTÓRIA

GUILHERME HENRIQUE PIAZ PASLAUSKI

1963: O GOVERNO GOULART PELA FOLHA DE SÃO PAULO

CHAPECÓ

2015

GUILHERME HENRIQUE PIAZ PASLAUSKI

1963: O GOVERNO GOULART PELA FOLHA DE SÃO PAULO

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para a obtenção do grau
de Licenciado em História da Universidade Federal
da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luiz Miranda

CHAPECÓ
2015

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Paslauski, Guilherme Henrique Piaz
1963: O GOVERNO GOULART PELA FOLHA DE SÃO PAULO/
Guilherme Henrique Piaz Paslauski. -- 2016.
39 f.

Orientador: Antônio Luiz Miranda.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História
, Chapecó, SC, 2016.

1. Imprensa. 2. Folha de São Paulo. 3. Política. 4.
João Goulart. 5. Golpe de 1964. I. Miranda, Antônio
Luiz, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul.
III. Título.

GUILHERME HENRIQUE PIAZ PASLAUSKI

1963: O GOVERNO GOULART PELA FOLHA DE SÃO PAULO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

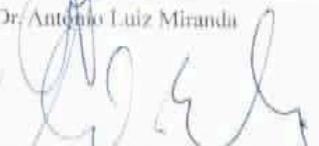
Orientador: Prof. Dr. Antônio Luiz Miranda

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Luiz Miranda



Prof. Dr. Claiton Marcelo da Silva



Prof. Mestre Francimar Iha da Silva Petrolí



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO ACADÊMICA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURA
EM HISTÓRIA

Aos 07 dias do mês de julho de dois mil e dezesseis, às 19h15 min, nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul, reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos professores: **Prof. Dr. Antônio Luiz Miranda (Orientador)**, **Prof. Dr. Claiton Márcio da Silva** e **Prof. Msc. Francimar Ilha da Silva Petrolí**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura do acadêmico **Guilherme Henrique Piaç Paslauskí** sob o título: "1963: O Governo Goulart pela Folha de São Paulo" obteve a média final 8,5 sendo considerado aprovado.

Chapecó (SC) 07 de julho de 2016.


Orientador (a)

Avaliador 1



Avaliador 2

RESUMO

Esta monografia pretende examinar a construção do golpe militar de 1964 a partir da imprensa jornalística brasileira inserida no contexto político de 1963, principalmente a relação do Jornal Folha de São Paulo com a figura do presidente João Goulart, analisando a sua participação de forma ativa nos fatos políticos. Sendo além de um meio difusor de informações, uma peça fundamental para a consolidação do processo culminante no golpe militar brasileiro que pôs fim a democracia brasileira em 1964 levando o país a 21 anos de governo ditatorial. Os documentos que se obtém dos jornais apresentam uma diversidade de possibilidades perante um olhar minucioso do pesquisador. A importância de enriquecer a história política brasileira vem à tona com o atual momento da política nacional. Os movimentos sociais e de interesse político articulados atualmente por uma determinada classe social, vem gerando uma intensa dúvida perante a relevância da história política brasileira e qual a importância deste momento para a história do país.

Palavras-Chave: Imprensa, Folha de São Paulo, Política, João Goulart, Golpe de 1964.

ABSTRACT

This paper aims to examine the construction of the military coup of 1964 from the Brazilian news media inserted in the political context of 1963, mainly regarding the newspaper Folha de São Paulo with the figure of President João Goulart, analyzing its participation actively in political events. As well as a means diffuser of information, a key part to the consolidation of the process culminating in the Brazilian military coup that post-order Brazilian democracy in 1964 bringing the country to 21 years of dictatorial rule. The documents obtained from newspapers feature a variety of possibilities before a thorough researcher's perspective. The importance to enrich the Brazilian political history comes up with the current time of national policy. Social movements and political interest currently articulated by a certain social class, has generated an intense doubt before the relevance of Brazilian political history and the importance of this moment in the history of the country.

Keywords: Press, Folha de São Paulo, Politics, João Goulart, hit 1964.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O INÍCIO DA DÉCADA DE 1960: O CAMINHAR DE UM GOLPE	14
2.1 O JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO.....	14
2.2 O ÍNICIO DO FIM.....	19
3. IMPRENSA: A FERRAMENTA DO GOLPE.....	25
3.1 O JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO E JOÃO GOULART	25
3.2 1963: O ANO DE JOÃO GOULART	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
5. FONTES	37
6. REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

A imprensa tem desempenhado seu papel dentro da história brasileira desde o seu surgimento do país no século XIX, com a chegada da família real portuguesa a sua colônia na América, as atividades jornalísticas que antes eram proibidas em todo o território colonial, foram facilitadas, possibilitando a criação e circulação do primeiro jornal brasileiro. O jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro*¹, fundado no ano de 1808, dando início a história da imprensa brasileira, e ou que devido à demora em se trazer as informações da Europa e dos locais mais afastados da capital, o jornal não tinha como característica a periodicidade. Suas publicações eram realizadas duas vezes por semana, principalmente na quarta-feira e no sábado, por vezes não se havia publicações, deixando uma lacuna nas notícias publicadas.

O jornal vem se inserindo na história brasileira desde a sua criação, utilizado como fontes de muitas pesquisas historiográficas, como na obra “*Os Bestializados*” de José Murilo de Carvalho, “*O Bravo Matutino – Imprensa e Ideologia: O Jornal o Estado de São Paulo*” de Maria Helena Capelato e “*1964*” de Ângela de Castro Gomes são exemplos de livros onde os periódicos foram utilizados como fonte. Tornam-se objetos de pesquisa para escrever sobre os momentos da história brasileira, e como a inserção e o papel desempenhado pelos jornais no enriquecimento historiográfico.

Jacques Le Goff, célebre autor da corrente de estudos conhecida por Escola dos Annales, parte para a necessidade da aquisição de “Novos objetos, problemas e abordagens”, afastando-se do método positivista de escrever e desenvolver pesquisas históricas. Método esse que excluía o uso do jornal como fonte para pesquisa por considerar os jornais carregados de ideologias e posicionamentos políticos em suas publicações, considerando apenas as documentações oficiais como fontes adequadas para realizar pesquisas históricas, documentos como relatórios militares, dados governamentais e escritos eclesiásticos são exemplos do que era relevante para uma pesquisa positivista.

A grande possibilidade apresentada pelas fontes jornalísticas, como uma nova origem de pesquisa, é a sua periodicidade, como Zicman descreve em sua obra *História Através da Imprensa*, o jornal apresenta os acontecimentos do dia-a-dia, aponta uma história cotidiana. Além da periodicidade, o autor expõe outros dois argumentos consi-

¹ O jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro* possui acervo online onde disponibiliza suas publicações do ano de 1808 a 1822. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta.htm

deravelmente vantajosos importantes para o uso da imprensa como fonte, a disposição espacial da informação e a censura sofrida pelos jornais. Classificando e definindo esses três pontos principais como:

Periodicidade: os jornais são "arquivos do cotidiano" registrando a memória do dia-a-dia, e este acompanhamento diário permite estabelecer a cronologia dos fatos históricos;

Disposição Espacial da Informação: Para cada período tem-se a possibilidade de inserção do fato histórico dentro de um contexto mais amplo, entre os outros fatos que compõem a atualidade;

Tipo de Censura: Diferentemente de outros tipos de fontes documentais, a Imprensa sofre apenas a censura instantânea e imediata. Sob este aspecto mesmo as coleções de arquivos são menos interessantes pelo fato de sofrerem quase sempre uma triagem antes de serem arquivados. (ZICMAN, 1985, p.90).

Além dos pontos de vantagem, apresentados por Zicman, não se pode deixar de analisar o corpo do periódico e se apegar apenas na escrita jornalística. Como a escrita é apresentada, as cores, fotos e o tamanho da letra, são alguns dos vários pontos a serem analisados ao se utilizar do jornal como fonte para o desenvolvimento da pesquisa, sendo que Zicman apresenta na sua obra, o que ele auto-intitulou de "*Esquema Geral para Caracterização da Imprensa*"², que delimita diversos pontos a serem analisados sobre um jornal, desde a sua história de criação até ao público alvo. Características que ao serem estudadas, falam muito do jornal analisado, podendo deixar claro, questões como linha política adquirida pelo impresso, um dos objetivos da presente pesquisa.

A imprensa detém considerável poder de influência na sociedade, é ela quem dita moda, responsável por transformar os espaços sociais ao qual se integra atualmente a imprensa chega de forma extraordinariamente rápida ao público, fatos ocorridos do outro lado do mundo são noticiados poucas horas depois, a evolução da tecnologia auxiliou a difusão da informação por parte dos jornais online e televisivos. Diferente dos jornais impressos que tem suas edições diárias, possuem tempo a mais para se debruçar sobre o assunto e melhor trabalhá-lo para ir a público no próximo dia.

Por essa considerável influência que a imprensa possui, temos claro que o jornal como fonte, necessita de um olhar minucioso do pesquisador. A imprensa é, e por muitas vezes já declarou abertamente a sua parcialidade com determinadas linhas de pen-

² Recomenda-se contemplar em "História Através da Imprensa" de Renée Barata Zicman, Esquema apresentado pelo autor.

samento, a Folha de São Paulo, maior jornal impresso do Brasil, não admite abertamente, mas deixa tal característica transparecer tranquilamente em suas matérias.

O estudo da história política a partir de uma inserção da imprensa apresenta novas perspectivas sobre os acontecimentos históricos, temos uma fonte histórica rica sobre o tema e que apresenta uma linearidade sobre os períodos delimitados para estudo. O jornal notícia o aparelho político nacional cotidianamente, obtendo-se uma fonte para escrever a história política distinta dos documentos oficiais, que possibilitam um aprofundamento muito mais complexo se colocadas em confronto.

A história política teve seus anos de ouro durante o século XIX onde era constantemente estudado, teve seu papel consideravelmente diminuído na década de 30 com o surgimento dos *Annales* que favoreciam novas formas de pesquisa, deixando um pouco de lado as mais tradicionais. A crítica mais forte à história política era seu interesse por grandes personalidades, o estudo do superficial de uma sociedade, “Era uma história que permanecia narrativa, restrita a uma descrição linear e sem revelo, concentrando sua atenção nos grandes personagens e desprezando as multidões trabalhadoras” (FERREIRA, 1992, p. 265).

Marieta de Moraes Ferreira apresenta na sua obra, *A Nova “Velha História”: O Retorno da História Política* como foi à reestruturação da história política desenvolvida pelos pensadores da *Escola dos Annales*, o desejo de eliminar os defeitos que se apresentavam na história política, exemplos, ser elitista, anedótica, individualista, factual, subjetiva e psicologizante. Os novos historiados almejavam o estudo das sociedades em um todo, não apenas de um líder e sua dominação, então a história política deveria passar a estudar o povo, se importar com o espaço social e deixar de lado o estudo de uma personalidade, que não condiz com a sociedade em geral.

O jornal possibilita de certa maneira estudar a sociedade de forma abrangente, afinal é desenvolvido para atingir a grande parcela da população, faz parte do cotidiano da sociedade e não se restringe a uma única classe de leitores, mesmo não sendo um produto de consumo das classes mais baixas da sociedade.

E mesmo o jornal não sendo escrito por especialistas em história, e sim por jornalistas, cabe ao pesquisador analisar e estudar o jornal, ou as matérias jornalísticas que são a proposta central do presente trabalho, e confrontá-las na perspectiva histórica que estão inseridas.

O estudo dos jornais impressos está ganhando espaços entre os historiadores mais recentes, facilmente encontrando-se monografias para defesa de conclusão de cur-

so ou mestrado que se utiliza do jornal como fonte, basta realizar rápida pesquisa na internet com “história e imprensa”, rapidamente encontrará diversos artigos apresentando à temática e a inter-relação entre os dois termos.

O século passado, especificamente o XX, foi o marco para que a inserção das fontes jornalísticas ganhasse espaço dentro da historiografia, Tania Regina de Luca, cita que a crítica à concepção positivista da história, realizada pela Escola dos *Annales*, mostrou sua importância, da busca por novas fontes, mas não favoreceu as “potencialidades da imprensa, que continuou relegada a uma espécie de limbo” (LUCA, 2011, p. 112).

O jornal é escrito visando o seu público alvo, existindo diferentes formas de escrever, dependendo de qual será o leitor a ser atingido. Escrito muitas vezes de forma parcial, determinado por interesses pessoais. Ao serem analisadas por uma perspectiva histórica, podemos adquirir novos entendimentos sobre a inserção do jornal nos momentos históricos noticiados.

Para o presente trabalho, foi analisada parte do acervo online³ do jornal Folha de São Paulo, o acervo disponibiliza periódicos desde o primeiro ano de circulação do jornal no país em 1960, encontra-se disponível também o Folha da Manhã e Folha da Noite⁴. O acervo está catalogado por jornal, ano, mês e dia, facilitando a pesquisa dos periódicos desejados.

A delimitação do tempo para o estudo levou em consideração a importância que o ano representa para a história brasileira, enfatizando a história política, no ano de 1963 o povo lutava por mudanças no sistema político brasileiro, manifestações pelo direito de voto direto ao cargo da presidência da república, os governos populistas eram unanimidade entre os eleitores, e a partir desses governos que o medo do comunismo se instaurou na sociedade brasileira em geral, que culminou no golpe militar de 1 de abril de 1964.

Por se tratar de ano que antecede a corrida presidencial, os acontecimentos relacionados com política tornam-se temas recorrentes no jornal, os ânimos da população por mudanças no sistema político brasileiro estão à flor da pele. O jornal revela a vida social e política de cada período, escrita e editada por jornalistas de diferentes tempos e espaços sócias, perceptível na forma de escrita e apresentação das notícias de ambos os anos.

³ Acervo do jornal encontra-se Disponível em: < <http://acervo.folha.uol.com.br/> > para acesso.

⁴ Não se encontra o acervo do jornal Folha da Tarde, deixando a sensação do mascarar o apoio do jornal a Ditadura Militar ocorrida no Brasil, sendo que a Folha da Tarde ficou sob o comando de redatores e jornalistas militares por alguns anos.

A inserção do jornal nos processos históricos deve ser estudada com cuidado, afinal, o sujeito que escreve a matéria jornalística não é um historiador, escreverá sua coluna conforme for sua realidade e seguindo a linha editorial do jornal ao qual escreve, vivendo a mercê da censura. No caso do jornal analisado no presente trabalho, a Folha de São Paulo, jornal que após anos do fim da ditadura confessou abertamente que apoiou os militares e acataram as censuras impostas pelos governos ditadores.

Nesse sentido de se utilizar o jornal como fonte para pesquisa dos acontecimentos políticos brasileiros, o objetivo central da presente pesquisa é analisar a inserção do jornal na história política, como o jornal Folha de São Paulo noticiava os movimentos políticos nacionais, o povo nas ruas, as eleições que se aproximam e os contentamentos e descontentamentos do povo com o atual governo para cada um dos períodos.

A análise do jornal se dará nas notícias jornalísticas de 1963, focando nas matérias que noticiam os fatos políticos do governo Goulart, acontecidos durante todo o ano, manifestações populares, atos políticos de importância, como fato ocorrido no ano, o plebiscito para escolha do sistema político brasileiro, presidencialismo ou parlamentarismo. O foco são as notícias políticas e como é apresentada ao público leitor, a análise irá levar em conta todos os aspectos possíveis que se encontraram nas notícias, forma de escrita, tamanho das letras, uso de imagens, cores e atentiosamente ao jornalista por trás da matéria, identificar a aparição do mesmo autor em demais publicações e se mantém o mesmo sentido de escrita ou se apresenta oscilação durante seus trabalhos.

Os jornais expressão as relações políticas e sociais de cada período e movimento ao qual se insere, dentro do contexto jornalístico, empresa e difusora informativa. Para compreender a inserção do jornal nos movimentos políticos do ano estudado, é preciso contextualizar a sociedade brasileira na década de 1960 e verificar onde o jornal está inserido nesse corpo social e sua história. Para isso, o presente trabalho se dividirá em dois capítulos. O primeiro capítulo será dedicado à história do Jornal Folha de São Paulo e compreender seu papel na história política brasileira do início da década de 1960, além disso, contextualizar o período histórico da política brasileira a partir do Jornal Folha de São Paulo como fonte. O segundo capítulo vai se enfatizar nas fontes jornalísticas, análise e discussão das matérias do jornal e como se deu e de que forma foi a sua inserção na política brasileira e do governo Goulart no ano de 1963, ver o papel do Jornal Folha de São Paulo não apenas como uma produtora e difusora de notícias, contextualizar como uma força substancial na totalidade de acontecimentos que propiciaram a ocorrer o golpe militar em 1964.

2. O INÍCIO DA DÉCADA DE 1960: O CAMINHAR DE UM GOLPE

2.1 O JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

O início da década de 1960 foi um período conturbado no mundo inteiro, vivia-se o auge da Guerra Fria e a América Latina tornava-se foco da atenção Americana a partir da Revolução Cubana. O Brasil estava no início de um novo sistema político ao fim do regime Vargas em 1945, tinha apenas 15 anos de democracia e os governos populistas ainda se mostravam fortes com as figuras de Jânio Quadros e João Goulart.

Em meio a todo esse turbilhão de acontecimentos temos o surgimento de um novo jornal no quadro nacional do país, o Jornal Folha de São Paulo surge da junção dos seus então “irmãos” mais velhos, o Jornal Folha da Manhã⁵, Folha da Tarde e o Folha da Noite, formando um único periódico capaz de atingir uma parcela maior do território nacional. A unificação ocorreu após o Jornal passar a pertencer aos empresários, Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, um ano mais tarde, após a unificação dos três jornais, fundam assim o grupo Folha⁶.

Junto com a primeira edição do Jornal Folha de São Paulo do dia 01/01/1960, estampava-se orgulhosamente o novo “slogan” do jornal “Um Jornal a Serviço do Brasil”.

Sem elva regionalista, todavia, antes com a preocupação de servir ao Brasil, que é a única maneira de defender eficazmente os interesses do Estado e do país. Essa a razão do "Slogan" que a partir de hoje figura sob o título destas colunas: "Um Jornal a serviço do Brasil".⁷

Com seu novo “slogan” o jornal segue seu caminho a “serviço” da nação, e devido à situação política, tanto no âmbito mundial como no nacional, o jornal apresenta inúmeras notícias diárias onde o tema “política” é central, sejam elas no âmbito mundial, nacional e ou regional, do governo ou de partidos, a política torna-se o carro chefe do jornal.

A história do Jornal Folha de São Paulo não se inicia nos anos 60, sua participação na história brasileira vem desde a década de 20, quando em sua criação ainda era

⁵ Criado em 1925, que se tornou a versão matutina do jornal para expandir o público atingido pelas notícias que o jornal apresentava.

⁶ O grupo Folha atualmente é o maior conglomerado de empresas envolvidas com informação no Brasil, juntamente com o jornal Folha de São Paulo, de maior circulação do país, temos o site UOL um dos maiores portais de notícias online, o FOLHA.COM site jornalístico com o mais alto índice de audiência e a gráfica PLURAL. Juntamente com outras pequenas empresas envolvidas com a difusão de notícias.

⁷ FOLHA DE SÃO PAULO (São Paulo) (Ed.). FOLHA DE S. PAULO: Um só nome para os nossos três jornais. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 1 jan. 1960. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1960/01/01/2/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

apenas o Folha da Noite, criado em 1921 por Olival Costa e Pedro Cunha, seu público alvo eram os trabalhadores que ao fim do dia, após sua jornada trabalho, poderiam ficar a par das notícias do dia. Não diferente dos outros jornais, o Folha Noite defendia seus interesses ao leitor, abertamente se declarava a favor do voto secreto, defensor do movimento tenentista e o Partido Democrático, foi em seus primeiros anos ávido lutador e crítico do governo.

O jornal passou por diversas mudanças durante todos os seus anos, durante o pertencimento aos dois primeiros proprietários as limitações financeiras do jornal tornaram-se o empecilho para que a instituição ampliasse o seu número de leitores, sendo que detiam um número de impressos próximos a 15.000 exemplares diários.

Ao ser adquirido pelo cafeicultor Octaviano Alves Lima e com a inserção de mais capital o jornal passa a publicar cerca de 80.000 exemplares por dia, outras mudanças importantes são adotadas, passa a se chamar apenas de Folha da Manhã, com o novo proprietário adquire novas linhas de pensamentos, nos mais diversos meios, na política torna-se opositor assíduo do regime Estado Novista de Getúlio Vargas, apoiador do sistema liberalista e defensor da cultura cafeicultora no Brasil, as ideais de seu novo acionista majoritário são defendidas pelo jornal.

Com o passar dos anos o público alvo do jornal vai se alterando, inicialmente destinado a classe trabalhadora, nos anos 40 a público torna-se outro, passando a ser do cotidiano da classe média brasileira. Outras mudanças importantes ocorrem com José Nabantino Ramos, que apresenta nova linha de pensamento ao jornal, deixando o de certa forma, menos parcial com os ideais de seus proprietários. A expansão do jornal não parou desde a sua criação, no início da década de 50 a empresa já contava com seus três periódicos, sendo publicados diariamente em quase todo o território brasileiro.

No ano de 1960 somos apresentados ao Jornal Folha de São Paulo, onde conhecemos os últimos proprietários do grupo, os empresários, Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumem o controle como acionistas majoritários, dando início a um dos maiores grupos difusor de notícias no Brasil, o grupo “Folha”.

Já nos primeiros anos do novo jornal, vivesse um período de tensão na política brasileira, e a inserção do jornal nesses movimentos políticos torna-se algo primordial para o desenrolar dos atos históricos do Brasil, podemos considerar que a posição adquirida pelo grupo Folha, foi peça fundamental para manter as engrenagens de sistema em pleno funcionamento durante seus 21 anos de domínio político.

Considerar o Jornal Folha de São Paulo uma das engrenagens que propiciaram a permanência do regime militar brasileiro no poder, entramos no mérito do poder que a mídia possui sobre seu público, mesmo em um período em que a mídia televisiva e o rádio que já eram difundidos na época, nesse quatro dos meios de comunicação, o jornal impreso ainda mantém seu público. O jornal historicamente foi durante muitos anos o principal meio de informação e sua influência não pode ser esquecida na história.

O apoio aos militares foi admitido pela própria Folha no ano de 2011, mesmo ano em que o jornal comemorava seus 90 anos de história, “*Os 90 anos da Folha em 9 Atos*”⁸ escrito e publicado por Oscar Pilagallo⁹, transcreve nove importantes acontecimentos na história do jornal, em um deles admitia o apoio aos militares.

A Folha apoiou o golpe militar de 1964, como praticamente toda a grande imprensa brasileira. Não participou da conspiração contra o presidente João Goulart, como fez o “Estado”, mas apoiou editorialmente a ditadura, limitando-se a veicular críticas raras e pontuais. (PILAGALLO, 2011).

A Folha ao admitir seu apoio ao regime militar deixa a subentender na matéria de Pilagallo, que sua posição perante o governo ditatorial foi algo, para a época, de certa forma inevitável. Mas na história sabemos e compreendermos que muitas das empresas da “grande mídia”, como cita o jornalista, se beneficiaram do apoio aos militares, adquirindo capital e reforçando sua posição dentro da mídia nacional, exemplo clássico de tal afirmação é o da família Marinho com a Rede Globo.

A participação da Folha no complexo contexto histórico da ditadura, assim como de outras empresas privadas, dava-se sobre o seu apoio editorial aos militares, mas não se restringiu apenas a isso. Sabe-se que a censura sobre os meios de comunicação foi extremamente pesada nos anos da ditadura, assim, muitos jornais adotavam estratégias editoriais para burlar as censuras, quando não se conseguia enganar os órgãos de censura os jornais simplesmente não substituíam as matérias censuradas, deixando os periódicos com lagunas em branco, para que seu leitor identificasse a repressão sofrida. Algo adotado por jornais como, Jornal Estado, Jornal do Brasil e pela revista “Veja”, tais estratégias não se encontrava nos periódicos do grupo Folha.

⁸ Disponível para leitura em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha90anos/877777-os-90-anos-da-folha-em-9-atos.shtml> >

⁹ Oscar Pilagallo é jornalista e trabalhou para vários veículos de imprensa, entre eles o Jornal Folha de São Paulo e a BBC de Londres. Entre sua carreira profissional publicou alguns livros referente a imprensa, como a “*Folha Explica a história do Brasil no século XX* (2009)”, “*História da imprensa paulista* (2012)” e uma história em quadrinhos “*O Golpe de 64* (2014)”.

Confrontado por manifestações de rua e pela deflagração de guerrilhas urbanas, o regime endureceu ainda mais em dezembro de 1968, com a decretação do AI-5. O jornal submeteu-se à censura, acatando as proibições, ao contrário do que fizeram o "estado", a revista "Veja" e o carioca "Jornal do Brasil", que não aceitaram a imposição e enfrentaram a censura prévia, denunciando com artifícios editoriais a ação dos censores. (PILAGALLO, 2011).

O jornal Folha de São Paulo se manteve passivo perante as imposições que a Ditadura Militar empregava aos meios de notícias, para conter as ameaças subversivas dentro do território nacional, como citado, o jornal abriu mão da sua liberdade de imprensa e acatou as censuras impostas pelos militares, além disso, passou a exaltar o governo militar e sua luta contra os grupos de guerrilha, de maneira tendenciosa, acredita que realiza um serviço para o bem do país, o que seu slogan diz “Um Jornal a Serviço do Brasil”.

O apoio que o jornal exerceu para os militares não se restringiu apenas a acatar as censuras impostas, afirma que a partir do ano de 1969 entrega a redação de um de seus jornais aos entusiastas militares e muitos dos profissionais encarregados pelo Jornal Folha da Tarde eram policiais, explicando sua atitude, como sendo uma estratégia de defesa da empresa contra grupos clandestinos da ALN que atuavam em seus jornais e responsáveis por matérias que enalteciam as guerrilhas armadas na luta contra o governo ditatorial.

As tensões características dos chamados "anos de chumbo" marcaram esta fase do Grupo Folha. A partir de 1969, a "Folha da Tarde" alinhou-se ao esquema de repressão à luta armada, publicando manchetes que exaltavam as operações militares.

A entrega da redação da "Folha da Tarde" a jornalistas entusiasmados com a linha dura militar (vários deles eram policiais) foi uma reação da empresa à atuação clandestina, na redação, de militantes da ALN (Ação Libertadora Nacional), de Carlos Marighella, um dos 'terroristas' mais procurados do país, morto em São Paulo no final de 1969.

Em 1971, a ALN incendiou três veículos do jornal e ameaçou assassinar seus proprietários. Os atentados seriam uma reação ao apoio da "Folha da Tarde" à repressão contra a luta armada

Segundo relato depois divulgado por militantes presos na época, caminhonetes de entrega do jornal teriam sido usados por agentes da repressão, para acompanhar sob disfarce a movimentação de guerrilheiros. A direção da Folha sempre negou ter conhecimento do uso de seus carros para tais fins. (PILAGALLO, 2011).

Os movimentos de luta contra a Ditadura Militar reagiram rapidamente à postura adquirida pelos jornais do grupo Folha, sendo assim, conforme própria matéria do jornal

os bens do jornal tornaram-se alvos de grupos de resistência, onde veículos eram queimados até ameaças contra a família proprietária do jornal.

Houve acusações contra o jornal sobre o uso de veículos da empresa para tocaias e a captura de homens e mulheres suspeitos de participarem de grupos de resistência durante o período da Ditadura, acusações negadas pelo grupo Folha, que alega desconhecer o uso de seus veículos na época para tais fins. Mas como um jornal que entregou uma de suas redações iria conhecer tais operações, afinal o Jornal Folha da Tarde está sob o comando de militares e entusiastas, o uso dos veículos teriam disponibilizado uso diário para essas pessoas. Mas um grupo empresarial de tal tamanho não iria querer seu nome ligado a casos de sequestro e tortura dessa triste parte da história do Brasil.

O Jornal Folha de São Paulo pertencente à família Frias, atuante no cenário político brasileira, hoje é um dos maiores jornais em circulação em todo o território nacional. Nos dias atuais o jornal apresenta uma linha editorial aberta para as mais diferentes correntes de pensamento, uma grande mudança se olharmos o seu histórico passado, encontramos em suas edições diárias colunistas com opiniões tanto de esquerda quanto de direita.

O jornal seria hoje visto como um meio difusor de notícias imparcial, mas tal visão e pensamento devem ser analisados com cuidado, a Folha não se posiciona oficialmente ao se tratar desta polarização entre esquerda-direita, tendo em vista a delicadeza de posição, sendo que atualmente independente de qual linha política você pertence, receberá uma enxurrada de críticas do outro lado. Estratégia talvez utilizada para não perder o seu público, onde um jornal abre espaço para os dois lados da política.

A Folha atualmente é o jornal com a maior circulação de periódicos em território nacional, estimasse certa de 320.741¹⁰ exemplares publicados diariamente, sem levar em conta sua edição online que atende um enorme número de leitores diariamente a qualquer hora do dia.

¹⁰ Números disponibilizados pelo próprio Jornal e autenticados pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação) ano de 2014. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml> >

2.2 O ÍNICIO DO FIM

Nos primeiros anos da década houve o ressurgimento do anticomunismo¹¹, que na visão de Rodrigo Pato Sá Motta foram importantíssimos para os acontecimentos de 1964, “o anticomunismo adquiriu uma importância preponderante, constituindo-se na fagulha principal a detonar o golpe militar de 31 de março.” (MOTTA, 2002, p. 286).

O ânimo dos conservadores¹² perante o perigo que o comunismo apresentava no Brasil estava à flor da pele, a preocupação presente no país atingia as mais diversas áreas, mas principalmente fazia-se presente de forma constante na vida política brasileira, tornando a fragilizada e facilmente corrompida.

A delicadeza da política brasileira se agrava em 1961 com a renúncia do então presidente da república Jânio Quadros no dia 25 de agosto, “O episódio levou os anticomunistas ao desespero, pois o Vice-Presidente era um político conhecido por cultivar ligações com a esquerda.” (MOTTA, 2002, p. 289). Os ânimos anticomunistas se agravam com a ascensão de Goulart ao cargo de presidente da nação.

A imprensa brasileira anunciava fervora às notícias da volta de João Goulart ao Brasil e a negativa dos militares perante a posse do vice-presidente, o Jornal Folha de São Paulo estampava na primeira página de seu caderno “Ministros Militares contra a entrega do poder a Jango” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1961. A). Assim como chamadas de notícias para “Kennedy mantém-se informado sobre a situação no Brasil” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1961. B).

A edição do jornal do dia 28 de agosto de 1961 tem quase todo seu caderno dedicado à política brasileira, o nome de João Goulart é destaque juntamente com os militares em muitas notícias do dia. O Jornal Folha de São Paulo notícia a decisão por parte dos ministros militares ao “impedimento” de Jango assumir o cargo da presidência na matéria jornalística “Os ministros militares consideram Jango comprometido com o comunismo” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1961. C).

BRASILIA, 28 (FSP) - Depois de rápida reunião com a bancada da UDN e do PL, o sr. Herbert Levy, presidente nacional da UDN, informou à imprensa que há disposição dos ministros militares e da justiça, de impedirem a posse do sr. João Goulart, considerando-o comprometido com o comunismo; e que há decisão do mesmo sr. João Goulart manifestada em contato telefonico, de regressar ao Brasil

¹¹ Corrente intelectual que na sua essência contrapõe e nega os princípios e ideias do comunismo.

¹² Termo usado para descrever posições político-filosóficas, ligados ao tradicional e a transformações, que em geral contrapõem grandes mudanças dentro de uma sociedade, principalmente nos meios econômicos, políticos, crenças e costumes.

e assumir o poder. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1961, P. 4.)

A publicação mostra a preocupação que se tinha perante a postura política de Jango, que foi líder do setor de esquerda do seu partido o PTB, o medo dos conservadores no retorno de um político getulista, propiciando aos comunistas maiores espaços dentro do país, levando a nação brasileira ao caos da anarquia política e social.

O temor de que a ascensão de Goulart ao poder pudesse significar o fortalecimento dos comunistas, associado à frustração dos conservadores pelo retorno do *getulismo*, levou a que se tentasse impedir a posse. (MOTTA, 2002, P. 289.)

Vemos assim ameaçada a posse do presidente João Goulart, os anticomunistas, a extrema-direita e os militares contrários à nomeação de Jango ao cargo. Dentro da imprensa os jornais se dividiam, ainda que fossem contra a figura do próximo presidente, alguns jornais mantinham a democracia em primeiro lugar e defendia a posse de João Goulart, exemplos como o Correio da Manhã, Jornal do Brasil, Última Hora, Noite Correio, Brasiliense e Zero Hora, foram alguns dos títulos que defendiam a posse de Jango, lançando crítica à recusa dos ministros militares em aceitar a posse do vice-presidente, em contra partida temos o Estado de S. Paulo e O Globo se mantinham a favor de barrar a posse de João Goulart, sendo o Estado de S. Paulo que se posicionou a favor de uma intervenção militar.

João Goulart assumiu a presidência em uma situação absolutamente inédita em termos políticos. O parlamentarismo à brasileira, que se montara como condição para que ele tomasse posse, era um regime híbrido, complexo e desconhecido para todos. (FERREIRA, GOMES, 2014, p. 89)

Vemos que desde o início de sua curta estadia como presidente da república, Jango já estava a mercê das imposições postas por militares a sua ascensão a cadeira da presidência, como cita Ferreira e Gomes inventou-se um sistema parlamentarista a brasileira para a posse de Jango, situação que se estendeu até 6 de janeiro de 1963 com a realização do plebiscito, que por maioria dos votos, vence o presidencialismo na política do Brasil.

Além das crises internas o Brasil passava por serias complicações externas, que também envolviam a política e a economia da nação, nesse sentido, damos espaço a dois momentos da política externa brasileira nesse início dos anos 60, a reaproximação com

a URSS em 1961 que gerou uma revolta muito maior por parte dos anticomunistas e o episódio da “crise da lagosta” com a França no início de 1963.

Na continuidade do projeto do Itamaraty em aproximação de países não aliados, na tentativa de diminuir a dependência que o Brasil tinha na sua relação com os Estados Unidos. As intenções do governo em uma aproximação com a União Soviética desencadeou uma “serie de protestos contra o governo” (MOTTA, 2002, p. 291), os anticomunistas foram gravemente ofendidos pela decisão do governo, que na visão deles não havia necessidade e nem interesses benéficos para o Brasil em se aproximar diplomaticamente da URSS, o principal inimigo dos anticomunistas.

Como cita Motta a grande mídia brasileira, principalmente os antigoverno, que não pouparam palavras para criticar a decisão tomada pelo governo, que na sua visão uma decisão adquirida por Jango, presidente que a imprensa já acusava de ligação com o comunismo.

As negociações com a União Soviética para uma aproximação diplomática não foram aceitas pelo setor anticomunista no Brasil, para piorar a situação, as relações com a URSS foram retomadas justamente em novembro de 1961, mesmo mês da comemoração da “Intentona Comunista” que gerou ainda mais descontentamentos dentro do país, “A escolha do momento pode não ter obedecido a intenções provocativas, mas foi sem dúvida demonstração de falta de habilidade política.” (MOTTA, 2002, p. 291).

Na Folha de São Paulo temos duas notícias importantes sobre a reaproximação diplomática entre Brasil e URSS, na primeira página do jornal estampasse “RESTABELECIDAS ONTEM AS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E URSS” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1961, D) e na página 4 temos a notícia “URSS, 8ª nação socialista a manter relações com o Brasil.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1961, E).

RIO, 23 (FSP) - Entre os responsáveis pela formulação da política externa brasileira no Itamaraty, a FSP apurou hoje que, com a formalização do tratamento, a URSS passou a ser a oitava nação socialista com a qual o Brasil ter agora relações diplomaticas, sendo o nosso país o sétimo da America - ao lado dos Estados Unidos, Cuba, Argentina, Mexico, Uruguai e Bolívia - a promover uma aproximação direta com a União Soviética.(FOLHA DE SÃO PAULO, 1961)

As chamativas das matérias do Jornal Folha de São Paulo se mostram muito interessantes, os títulos com sentidos tendenciosos, levam a pensar em uma crítica ádua e direta ao governo pelas decisões obtidas, mas as duas matérias se mostram muito imparciais ao tom que anunciam os acontecimentos.

As políticas diplomáticas de Goulart foram durante seus anos de governo, um dos principais pontos atacados pelos anticomunistas, [...] as relações diplomáticas do Brasil foram objeto de constantes diatribes anticomunistas, motivadas pela continuidade da política independente. (MOTTA, 2002, p. 292)

O ano de 1961 termina com as tensões da reaproximação do Brasil com a União Soviética, estratégia política adotada pelo Itamaraty desde o governo do ex-presidente Juscelino Kubitschek, sendo continuada e realizada no governo de Jango, que foi duramente criticado pelos opositores anticomunistas.

Não muito tempo depois das desavenças entre governo e anticomunistas com o reatamento da diplomacia com a URSS, temos novamente no início de 1962, outro episódio envolvendo o Itamaraty que reflete diretamente na figura do presidente Jango.

A estratégia Norte Americana em isolar Cuba economicamente, utilizando sua influencia dentro do OEA (Organização dos Estados Americanos) ganha notoriedade entre os anticomunistas do continente, conseqüentemente o grupo brasileiro pressiona o governo em tomada de apoio a um dos aliados mais importantes da nação, os Estados Unidos. “O objetivo dos EUA era expulsar Cuba da OEA e estabelecer um bloqueio econômico. Eventualmente, havia a intenção de promover uma intervenção internacional para retirar Fidel do poder.” (MOTTA, 2002, p. 292).

Mas algo inesperado foi à posição diplomática brasileira, contrária à expulsão de Cuba da OEA e a uma intervenção militar no país, fizeram do Brasil uma barreira para o plano Norte Americanos. A postura adquirida pelo Brasil perante a Cuba, um país socialista, trouxe novamente as revoltas anticomunistas, que para eles era inaceitável o país tomar posição em defesa de Cuba, o inimigo, era defendido pelo Brasil.

As posições diplomáticas de Goulart, até certo ponto simpáticas a Cuba, indignaram os grupos anticomunistas, como seria de se esperar. Eles desejavam que o Brasil apoiasse a ofensiva norte-americana de erradicar o comunismo do continente, e interpretaram a posição do governo *Jango* como indício da influência comunista sobre o Presidente. A polêmica vigorou principalmente no decorrer de 1962, quando tiveram lugar encontros internacionais dos Chanceleres dos países americanos para discutir a situação cubana. (MOTTA, 2002, p. 292)

Esse sentimento que a ala da direita e os anticomunistas sentiam perante a pátria amada defender um país comunista e afrontar o maior exemplo deles, os Estados Unidos, ganha força na mídia brasileira, e principalmente com notícias de representantes

brasileiros defendendo os interesses cubanos em encontros da OEA. “O Brasil representará os Interesses de Havana em Buenos Aires”

BUENOS AIRES, 9 (AFP) - O governo se decidiu encarregar-se dos interesses argentinos e de Cuba, e a embaixada do Brasil em Buenos Aires, a pedido de Fidel Castro, assegurará a proteção dos interesses cubanos na Argentina. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1962)

A situação não era das melhores para o governo de Goulart sobre Cuba, a grande imprensa brasileira não economiza nas críticas contra sua política diplomática, e principalmente na questão do apoio a Fidel Castro. O tema se estendeu por um longo tempo, “[...] a carga contra a diplomacia brasileira continuou, notadamente através de pressões da grande imprensa.” (MOTTA, 2002, p. 293).

A principal preocupação da direita brasileira, dos opositores de Jango e dos anti-comunistas sobre o apoio a Cuba, além de ser um país comunista, dava-se também sobre as implicações que tal proximidade com o país traria para a relação brasileira com os americanos, “Eles entendiam que a postura simpática a Cuba estaria ocasionando choques com o governo dos EUA prejudiciais aos interesses do Brasil.” (MOTTA, 2002, p. 293).

E mesmo que não tivessem ocorrido problemas sérios com a diplomacia brasileira e americana, os anticomunistas continuavam sua jornada contra Goulart, pra eles o principal inimigo comunista dentro do Brasil, “A partir de meados de 1963, o assunto cubano começou a esfriar, em decorrência da estabilização da situação internacional. Os grupos conservadores, porém, continuaram a denunciar a influência “comunista” nas ações do Itamaraty.” (MOTTA, 2002, p. 293).

A vida política de João Goulart se mostrou nem um pouco descomplicada, mesmo tendo que se submeter ao parlamentarismo imposto a ele, seu governo cercado de complicações, as crises internas e externas que abalavam a política brasileira, os problemas diplomáticos que geraram uma série de constantes ataques críticos a ele, realizados por seus opositores, não foram capazes de abalar a postura política do presidente. A obtenção de resultados positivos ao final de 1962 foi de extrema importância para seu governo, que tornou possível a realização do plebiscito em janeiro de 1963, resultando na segunda vez que João Goulart é eleito por maioria populacional ao cargo da presidência da república.

Durante todo o ano de 1962, mesmo considerando-se as várias crises que teve que contornar, o presidente vinha obtendo êxito. Pelo menos, um êxito bastante razoável,

que lhe permitira executar políticas públicas importantes nas áreas da economia e da educação, por exemplo. Sua estratégia de combate ao parlamentarismo tinha sido vitoriosa. O resultado do plebiscito o elevava à condição de líder nacional, com maciço apoio popular. Finalmente, essa seria a hora e a vez de um governo João Goulart. (FERREIRA, GOMES, 2014, p. 141)

Após dois anos de governo, João Goulart obtém uma importantíssima vitória política no início do ano de 1963, que o eleva ao líder máximo da nação como presidente, não estaria mais relegado ao parlamentarismo, poderia finalmente iniciar seu governo como pretendia, era a vitória da democracia nas mãos de Jango. Infelizmente uma vitória que duraria pouco mais de um ano, tendo seu trágico fim em março de 1964.

3. IMPRENSA: A FERRAMENTA DO GOLPE

3.1 O JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO E JOÃO GOULART

O ano de 1963 torna-se um marco para a história do país como o último momento da democracia brasileira na década de 1960, um sistema político jovem e já fragilizado tinham seus suspiros finais durante aquele ano. Os ânimos dos anticomunistas os movimentos da extrema direita em desarticular o governo de Goulart e os ministros militares descontentes com o ocupando da cadeira na presidência são aspectos que dão características superficiais ao momento político vivido pelo Brasil naquele ano.

A política tornou-se a protagonista da grande mídia brasileira, quase todos os atos políticos envolvendo grandes nomes do cenário eram noticiados, sendo assim, a imprensa adquiriu sua importância para com a história, a corrente política não deixou as possibilidades de lado e abraçou as fontes vindas da imprensa. “[...] História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder.” (LUCA, 2011, p. 128).

Como a presença da política na notícia era constante durante todo o início da década de 1960 e ainda mais presente em 1963 iremos levar em conta as notícias envolvendo o então presidente João Goulart.

O Brasil passava por uma forte inflação e todas as tensões do início da década estavam voltadas para a figura do presidente da república, no primeiro mês do ano o Jornal Folha de São Paulo não poupava o presidente de ataques. No mesmo momento da fragilidade política brasileira, ocorre a greve dos marinheiros, buscando melhorias e condições adequadas de trabalhos nos cargos militares da Marinha do Brasil, contexto que irá prejudicar ainda mais a relação de Jango com os militares.

Na primeira edição do jornal no ano de 1963, a política já está presente em sua publicação, realizada de forma diferenciada, apresentando perspectivas de um ano favorável ao país, vencer a inflação que assola a economia, a possível reforma de base proposta pelo presidente juntamente com a proximidade de novas eleições. O que mudaria nas edições seguintes do jornal ao se tratar da conjuntura política e da figura do presidente da república.

A democracia brasileira andava em uma corda bamba já no início do ano de 1963, as relações entre Jango e os militares não eram amigáveis e a crise no sistema

econômico e político dificultavam o trabalho do presidente, nesse sentido, a grande mídia brasileira aproveitava para realizar constantes ataques ao presidente João Goulart.

A figura principal da democracia brasileira em 1963 era o então presidente da República João Goulart, que chegou ao cargo após a renúncia de Jânio Quadros em 1961. Sabemos da delicadeza que a política brasileira sofria no período, os medos existentes perante o comunismo se instauraram no país, levaram ao imaginário das pessoas uma inquietação sobre o novo presidente brasileiro.

Goulart foi uma peça contraditória dentro do cenário político brasileiro, membro de uma família rica e dono de grande quantidade de terras no sul do país, seu governo tinha como carro chefe as “reformas de base”, uma serie de mudanças em setores importantes do Brasil, como a economia e a sociedade brasileira, entretanto, a principal propostas era a reforma agrária, as medidas propostas por seu governo ganharam popularidade e incentivos por parte considerável de brasileiros, trabalhadores, classe média e os empresários, mas ao mesmo tempo desagradou a parcela conservadora do Brasil.

Tido como um político de esquerda, Jango tornou-se alvo da grande mídia brasileira, os jornais não pouparam palavras para atacar e criticar o presidente da república, empregando a sua imagem como a caminho para o comunismo na nação, uma das principais justificativas utilizadas para o golpe de 1964. Não diferente dos demais, o Jornal Folha de São Paulo esteve presente nesse movimento de ataque e críticas ao presidente Jango.

Ao navegar no site do acervo da Folha encontramos diversas notícias sobre a política brasileira no ano de 1963, envolvendo partidos, militares e políticos. Se realizar uma pesquisa com o nome “João Goulart” obtemos 21.102 páginas onde se encontra o nome do ex-presidente brasileiro, resultado entre 1961 até 2016, já o ano crucial para o presente trabalho, temos o número de 1.720 páginas que se referem a Jango.

O grupo Folha já admitiu seu apoio ao golpe militar, reconhecendo em partes que cometeu um erro e negando sua participação na conspiração contra Jango, afirmações já citadas aqui. Mas como o ex-presidente era visto pelo Jornal Folha de São Paulo? Um dos maiores jornais do Brasil, se a Folha não conspirava contra o cargo do presidente, porque o apoio a um regime ditatorial? Que destituiu um governo democrático, algumas das perguntas a serem respondidas.

O jornal Folha de São Paulo apresenta em seus editoriais uma linha de pensamento consideravelmente seria, a vida pessoal do presidente brasileira quase não aparece nas notícias do jornal, por exemplo, no dia do aniversário de 44 anos de João Goulart

em 1 de março de 1963, encontramos apenas uma pequena manchete no fim da primeira página, “Goulart faz anos e ganha espingarda de Kruchev” é a chamativa da matéria, simples e sem nenhuma tendência a crítica ou enaltecimento da figura do presidente.

BRASILIA, 28 (FOLHA) - O presidente João Goulart comemora amanhã seu 44.o aniversário. Como das vezes anteriores, o chefe do governo passará o dia junto de sua mãe, d. Vicentina Goulart, que se encontra acamada no Rio de Janeiro. Hoje cedo, o presidente recebeu o primeiro presente: uma espingarda de caça calibre 12, finamente trabalhada, oferecida pelo sr. Leonid I. Brezhnev, presidente da Soviete Supremo, e Nikita Kruchev, primeiro-ministro. A arma foi entregue ao chefe da nação pelo embaixador russo sr André Fomin, recebido hoje em audiência especial. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963).

E conforme a matéria, a comemoração do aniversário aconteceria no dia 2 de março na cidade do Rio de Janeiro, juntamente com sua mãe, no jornal do dia não encontramos nenhuma matéria sobre o presidente e sua vida pessoal, mas em compensação na política, Jango é constante nesse dia. Pois assina o plano de contenção, medida para conter as dívidas que assolam o país e alimentam a inflação.

No entanto a publicação sobre o aniversário do presidente apresenta uma linha de pensamento um tanto quanto tendenciosa, focando-se principalmente no presente recebido por João Goulart dos líderes da União Soviética, uma espingarda calibre 12, apresentando para o público a relação de proximidade entre os líderes soviéticos com o presidente brasileiro.

O jornal Folha de São Paulo restringiu-se a vincular notícias sobre a presidente muito mais voltada para as questões políticas e de interesse do seu público leitor, as opiniões sobre a vida pessoal do então presidente foram deixadas de lado, confirmando a posição detida pelo grupo nos primeiros anos da década de 1960, em não conspirar contra a figura pessoal do presidente, e posteriormente em 1964, apoiar o golpe que o destituiu do poder.

3.2 1963: O ANO DE JOÃO GOULART

A vida política de João Goulart não era nem de longe fácil, mesmo antes de assumir o cargo já havia movimentos contra sua posse, a mídia estava dividida, alguns jornais o defendiam, afinal era o nome na linha de sucessão, mesmo não gostando da figura de Jango, outros jornais se opuseram fortemente e defendiam uma intervenção militar para restaurar a ordem e colocar o Brasil novamente nos trilhos do crescimento econômico.

Com o cenário vivido no Brasil durante os anos iniciais da década de 1960, os movimentos políticos e principalmente as medidas e posições adquiridas por João Goulart se tornavam notícias por todo o Brasil. Assim, muitas vezes lançando o presidente a uma chuva de críticas realizadas pela grande mídia brasileira, qualquer movimentação ou decisão política tomada por Jango poderia ser motivo para ligar seu nome ao tão temido perigo do comunismo no país, sendo Jango um motivador de tais movimentos.

Nesse sentido, o Jornal Folha de São Paulo toma a decisão de não se posicionar de forma ferrenha contra ou a favor das medidas adquiridas por Jango, sua linha de pensamento tem como objetivo a informação, não dando espaço para constantes ataques ao presidente, mesmo que em determinados momentos percebamos certa crítica a Jango.

Já ao analisar o Jornal Folha de São Paulo temos a primeira edição do jornal do ano de 1963, onde a principal notícia política é sobre a luta contra a inflação, realizando difusão dos planos de João Goulart em vencer a estagnação econômica em seu mandato, vemos uma matéria sem tendências à crítica ao presidente, faltando apenas 5 dias para a realização do plebiscito que o reelegeria com números esmagadores.

Janeiro de 1963 se mostrou agitadíssimo em seus primeiros 6 dias, primeiramente os planos de Jango para combater a inflação ganhavam espaço nos jornais do Brasil e na Folha de São Paulo, acusações contra Jango por participação em “Agitação Social”, e o plebiscito tornaram o início do último ano da democracia brasileira consideravelmente agitado para a política nacional.

A movimentação agitada na conjuntura política brasileira no início de 1963, foi resultado direto as movimentações pelo plebiscito que se iniciaram e se intensificaram em dezembro de 1962 ganharam força e data para acontecer, o dia 6 de janeiro de 1963 decidiria a favor ou contra o presidencialismo no Brasil.

O Jornal Folha de São Paulo em sua primeira página na edição do dia 6 de janeiro, estampa, “O POVO DECIDE HOJE NAS URNAS: SIM OU NÃO AO PARLA-

MENTARISMO” sendo a primeira vez na história do Brasil, uma consulta ao povo sobre a decorrência do sistema político do país.

Pela primeira vez na história política do país, o povo brasileiro comparece hoje às urnas para participar de um referendo. Dirá sim ou não ao Ato Adicional de 2 de setembro de 1961, que instituiu o sistema parlamentar de governo após 72 anos de regime presidencial. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, B).

A matéria da Folha de São Paulo não é confusa com a pergunta a qual o eleitorado teria que responder na cédula de votação, tal problema ficou a cargo do governo de Jango em resolver, que obteve considerável trabalho em vencer. Esse “problema” é explicado por Angela de Castro e Jorge Ferreira, a interpretação da pergunta, poderia levar a se perder muitos votos, que seriam a favor do presidencialismo, mas que facilmente poderiam ir contra.

Os defensores do presidencialismo precisariam orientar o eleitorado a responder “corretamente” à pergunta que constaria na célula: “Apoia o ato adicional que instituiu o parlamentarismo?” Ou seja, para os eleitores que apoiavam o retorno ao presidencialismo, a resposta “certa” era NÃO. Portanto, votar NÃO era votar SIM ao presidencialismo. Isso era, sem dúvida, algo que confundia os eleitores. Votar Sim era justamente rejeitar o presidencialismo, que se sabia ser o regime político de preferência do eleitorado. (FERREIRA, GOMES, 2014, p. 127-128)

As campanhas do NÃO foram grandiosas em todo o território brasileiro, que inclusive a Folha indaga como sento a única campanha para o plebiscito “Só deu Não na Campanha” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, C) em referência ao massivo esforço realizado pelo governo de Goulart em busca da vitória no plebiscito. A campanha que ficou a cargo de Hugo Farias, amigo de Jango e conhecidos desde o governo Vargas. Os gastos com a campanha ultrapassaram a barreira de “183 milhões de cruzeiros” (FERREIRA, GOMES, 2014, p. 127).

Como o Brasil vivenciava uma bipolaridade muito forte na política durante os anos iniciais da década de 1960, vemos os opositores de Jango, contra o plebiscito de janeiro de 1963, consideravam a votação um golpe ao sistema político brasileiro, e uma forma de Goulart conseguir plenos poderes como presidente eleito. Mas as propagandas contra o plebiscito e pelo SIM não obtiveram nem de longe a mesma força que a campanha do NÃO.

A votação ocorrera em todo o Brasil e por maioria esmagadora vemos a vitória do presidencialismo para a política brasileira, e não apenas a vitória do sistema presi-

dencial, mas ao mesmo tempo, uma segunda vitória de Goulart, o povo novamente clamava pelo político com plenos poderes na liderança do Estado brasileiro. Sendo assim, a figura política de Jango ganha um enorme apoio político, até mesmo de seus opositores.

O prestígio de Jango, em início de 1963, era imenso e incontestável. Porém, é preciso lembrar que outros partidos políticos e importantes lideranças, como JK e até Carlos Lacerda, tinham interesse no retorno do presidencialismo, pois estavam de olho nas eleições de 1965. O resultado do plebiscito, portanto, deve ser entendido nesse contexto. (FERREIRA, GOMES, 2014, p. 141)

Foi a partir desde momento da política brasileira, no início do ano de 1963, que João Goulart assume de forma “verdadeira” a cadeira da presidência da república, sua vitória nas urnas foi incontestável, e temos o início do ano de Jango, que seria justamente decisivo para o golpe militar em 1964, que já se consolidava desde a renúncia de do ex-presidente Jânio Quadros.

Os planos de Jango para seu governo após o plebiscito já eram organizados e apresentados mesmo antes do resultado final da votação, a certeza da positividade perante o plebiscito demonstrava a confiança do presidente e o desejo de governar com plenos poderes, dando início as suas propostas.

Inicialmente Jango tratou de articular a base de seu governo, realizando a nomeação de seus ministros, onde adotou a estratégia voltada para aliados com forte influência política e popular, adotando nomes de esquerda e centro, sendo assim, sua base política tornou-se Centro-Esquerda, alimentando os opositores da direita e os anticomunistas contra seu governo, formado sem a participação da direita brasileira.

Com o anuncio do seu plano de governo, Goulart anunciava para seu eleitorado o “coração de seu governo” (FERREIRA, GOMES. 2014, p. 145) o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social, organizado por Celso Furtado, ministro extraordinário do Planejamento e San Tiago Dantas, ministro da Fazenda. Dos objetivos do plano.

O plano tinha dois objetivos básicos. Um deles era conquistar o apoio político dos setores conservadores da sociedade, no momento de transição do parlamentarismo para o presidencialismo. O outro era ganhar a confiança dos credores internacionais, para obter recursos financeiros e renegociar a dívida externa. (FERREIRA, GOMES, 2014, p. 141)

O plano de Jango era um dos grandes triunfos de seu governo para o futuro, além de formar e manter uma boa base governamental, os objetivos de se conseguir as mudanças necessárias para o crescimento do país, claro que as dificuldades que se encontravam pelo caminho eram enormes, o ano de 1962 havia terminado no vermelho, e a população brasileira enfrentava os altos valores dos produtos no Brasil, a inflação tinham aumentado consideravelmente naquele ano.

O plano Trienal era fundamentalmente um plano de estabilização econômica. O objetivo era combater a inflação. Contudo, o controle da inflação não devia ser um fim em si mesmo. Era apenas um meio, uma primeira etapa. A segunda, o verdadeiro objetivo do plano, era levar adiante as reformas de base (fiscal, bancária, administrativa e agrária). (FERREIRA, GOMES, 2014 p. 147)

O grande trunfo do governo Goulart estava em ação, e ganhava apoio das classes trabalhadoras por todo o Brasil, mas as dificuldades encaradas ainda se mostravam poderosamente fortes, inclusive, muitas das propostas de Jango, que envolviam o plano trienal e as reformas de base não se concretizaram, não conseguiram sair do papel, sendo que, as propagandas contrárias a suas propostas se mantiveram fortes durante todo o ano de 1963. Os anticomunistas continuavam sua luta contra Goulart, e fizeram dos projetos do presidente, os alvos principais para vencer o comunismo no Brasil.

O ano de 1963 era o período de mudanças no país, após iniciar os projetos do plano trienal, João Goulart pretende dar continuidade a seus principais pontos, sendo eles, as Reformas de Base, que geraria dentro do Brasil uma série de mudanças sociais e ascensão da população pobre brasileira, na visão dos anticomunistas, abriria ainda mais os espaços para o comunismo se instaurar no Brasil.

Um dos pontos principais das Reformas sugeridas pelo governo Goulart e que gerou sérios ataques a sua gestão foi a Reforma Agrária, tema que nos dias atuais ainda não se resolveu e ainda gera uma sucessão de problemas para o governo do país e para a sociedade. O tema da reforma agrária é citado no Jornal Folha de São Paulo em 680 páginas do jornal no ano de 1963, ano em que o tema ganha força e notoriedade dentro da sociedade brasileira, elevando o prestígio de Jango com a classe trabalhadora, as mesmo tempo que sua imagem política se fragiliza com a intensa inflação e as crises políticas externas, como o caso da “lagosta” com a França, que quase acabou em conflito militar.

A primeira etapa do Plano Trienal de Jango ganha força no mês de março de 1963, após o início da missão de San Tiago Dantas, pela Europa e Estados Unidos em

busca de financiamento para que o governo iniciasse o plano e conseqüentemente as reformas de base. A manchete que abre o jornal no dia 23 de março “Acordo para a 1.a etapa do trienal” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, D) informa o leitor que o ministro da Fazenda havia obtido êxito em uma das suas jornadas em busca de capital estrangeiro, para ajudar o Brasil a desenvolver o plano trienal.

Satisfatório êxito das negociações financeiras entre o Brasil e Estados Unidos neste momento, não havendo motivo algum para que esse resultado seja modificado. O desenvolvimento do delicado trabalho realizado em Washington e Nova York pela Missão Dantas confirma assim, a expectativa que sempre manifestamos em nossos comentários sobre o assunto - ("Êxito da Missão Dantas e a Teimosia do FMI") (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, E)

Em uma pequena nota o Jornal Folha de São Paulo apresenta sua opinião sobre a missão do ministro Dantas no exterior, comentando de forma positiva a postura do ministro e o sucesso obtido, principalmente nos EUA, que foi um dos personagens principais nas relações diplomáticas do governo Goulart nos anos iniciais dos anos 60 e nas relações do Brasil com Cuba nesse período. Chegou então o momento do governo João Goulart mostrar seu potencial para o seu eleitorado, sendo que sua popularidade vinha caindo gradualmente durante o ano de 1963.

Mas como já citado, a vida política João Goulart não era das melhores, as condições políticas e econômicas do país não o deixavam governar em plena forma, os empréstimos adquiridos com o FMI (Fundo Monetário Internacional) e com os Estados Unidos não eram suficientes para romper a estagnação financeira vivenciada pelo Brasil naquele ano. Ainda para pior a situação as greves constantes em vários setores de produção brasileira, custavam milhões aos cofres públicos, levando seu governo cada dia mais ao descontentamento da população brasileira, que o apoiou massivamente em janeiro daquele ano.

Os meses que se seguiram em 1963 foram repletos de desafios para Jango, à crise econômica desenfreada era seu principal inimigo “[...] o governo continuará sua luta contra o processo inflacionário sem estagnar o desenvolvimento do país.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, F) Foi à declaração do presidente para acalmar os ânimos do povo inundado com as altas dos preços.

Os desafios do presidente não se encerram durante quase todos os meses do ano, crises internas surgem a todo o momento, às tensões políticas muito presentes no governo dificultavam seu mandato, alianças partidárias rompidas e a inflação a qual Jango

não conseguia resultados positivos para reverter à situação econômica do país. Seu mandato em 1963 também ficou marcado pelas inúmeras greves trabalhistas durante quase todo o ano após o plebiscito.

Mas mesmo perante todas as dificuldades, mantinha seus planos em desenvolvimento, as reformas de base, que eram sua principal cartada para os anos de mandato que ainda tinha pela frente continuavam a todo vapor, embora a oposição tentasse de toda forma barrar os projetos de seus aliados.

O mês de junho de 1963 é um período de grandes mudanças em todo o mundo, a morte do Papa João XXIII no início do mês ganha as notícias do jornal Folha de São Paulo. Mas importantes mudanças também ocorrem no Brasil, o governo de Jango está quase com seus Ministérios quase completos, temos neste mês a nomeação de mais cinco ministros, foco principal para a nomeação de Carvalho Pinto para o ministério da Fazenda.

BRASILIA, 17 (FOLHA) - Mais 5 ministros (Amauri Silva - Trabalho, Evandro Lins - Exterior, Paulo de Tarso - Educação, Oliveira Brito - Minas e Energia e Abelardo Jurema - Justiça) foram nomeados esta tarde pelo sr. João Goulart. Os atos serão publicados no "Diário Oficial de amanhã, segundo informou o secretário de imprensa do presidente da república. as cinco pastas restantes serão preenchidas, numa terceira e última etapa, às últimas horas. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, G).

O segundo semestre de 1963 iniciasse de forma mais branda que os primeiros seis meses no Brasil, temos a nomeação do novo Papa e viagens diplomáticas do presidente Jango para os Estados Unidos, a Folha de São Paulo apresenta uma folga para a política brasileira durante aquele mês, claro, temos notícias sobre a conjuntura política, mas se forma reduzida.

A dois momentos importantes para o país nesse mês, o início dos estudos para a reformulação do salário mínimo e a continuidade das Reformas de Base do governo, que vinha perdendo algumas disputas importantes, como a reforma agrária que não é aprovada pela Câmara dos Deputados.

BRASILIA, 22 (FOLHA) - A Câmara dos Deputados rejeitá amanhã ou depois o projeto de reforma agrária de autoria do senador Milton Campos. a Rejeição que foi acertada entre as lideranças do PTB e do PSD, só não se verificará amanhã caso não seja conseguido o quorum necessário, ou seja, 203 deputados. Mesmo antes de os partidos que compõem o bloco da maioria chegarem a um acordo sobre a emenda constitucional presedistas, o projeto de Milton Campos será rejeitado, uma vez que o PTB conse-

guiu como preliminar que a reforma constitucional e o projeto Milton Campos fossem examinados separadamente.(FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, H).

Os últimos meses do ano foram cruciais para o mandato de Jango, os fatos ocorridos se mostram em momentos de encaminhamento para 1964, a crise na relação de João Goulart com os militares no início do segundo semestre, a continuidade das greves pelo Brasil, nos portos e na educação, a interferência de ministério do trabalho em assuntos militares na greve dos marinheiros, prejudicando ainda mais a relação já delicada de Jango com os militares contrários a seu governo, tornaram o final do ano de 1963 uma dor de cabeça para João Goulart.

As reformas de base de seu governo permaneciam em progresso, “Goulart: Reformas pelos meios democráticos para evitar violência” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, I) eram a recomendação do presidente perante a delicadeza que a sociedade brasileira passava, os militares insatisfeitos com o governo e as greves, nesse momento, a greve dos doqueiros, eram o grande problema de Jango neste período do ano.

A parada do porto de Santos em agosto representou a perda de bilhões para a economia brasileira, Segundo o Jornal Folha de São Paulo a perda chegava a 1,5 bilhões¹³ por dia. “SANTOS: 1,5 BILHÃO DE PREJUÍZO POR DIA” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, J), fatos que alimentavam a oposição de Jango contra seu governo.

Os dois meses seguidos sem palcos de uma nova greve no Brasil, desta vez os professores paralisam suas atividades em busca de melhorias, diferente do ocorrido com os doqueiros em agosto, a greve dos professores se estendeu por dois meses para ter uma resolução final, diferente do ocorrido em agosto que as perdas de bilhões pressionou o governo a realizar um acordo com os grevistas do porto. “PROFESSORES TEM O APOIO DA OPOSIÇÃO” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, K) pela demora em solucionar as propostas dos professores o governo de Jango enfrenta a sua oposição se aliando as reivindicações dos professores.

O ano termina de forma muito conturbada para o governo de Jango, a demissão de Carvalho Pinto do ministério da Fazenda, “CARVALHO PINTO PEDE DEMISSÃO: COERENCIA” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, L) dando espaços ao entender de uma fragilidade dentro do governo de Jango, que desde a posse de Carvalho Pinto enfrentou diversas crises, sendo que no mesmo dia do jornal “JG não aceitaria demissão de CP” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, M).

¹³ Valor em cruzeiro, moeda brasileira em circulação no período.

RIO, 19 (FOLHA) - Fonte do palacio das laranjeiras informou ontem à imprensa que o presidente João Goulart, de posse da carte de demissão do prof. Carvalho Pinto, estaria disposto a não acatar a atitude do ministro da Fazenda. O presidente alega que "não encontra motivos" para conceder a demissão e afirmou que, em todos seus pronunciamentos, tem apoiado o min, Carvalho Pinto e suas medidas antiinflacionarias. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, N).

A medida tomada por Carvalho Pinto tornou o trabalho de Goulart mais difícil, tendo que em pouco tempo nomear outro responsável para o cargo de ministro da fazenda.

Após o baque da demissão de Carvalho Pinto o ano político do governo Goulart termina com importantes decisões dentro da reforma agrária no país, com o inicio da desapropriação de terras próximas às rodovias brasileiras pelo SUPRA, que ao mesmo tempo foi responsável por sugerir a demarcação de terras próximas a ferrovias e açudes.

No balanço geral o ano de 1963 foi de extrema conturbação para o governo de Goulart, desde sua ascensão como derradeiro presidente pelo plebiscito até o fim do ano, um ano carregado de altos e baixos, oposição ferrenha, relação delicada com os militares, as greves de diversos meios de produção e a queda da popularidade do presidente foram alguns dos desafios que João Goulart enfrentou durante o ano de 1963.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das representações jornalísticas dentro da historiografia vem ganhando espaço entre os historiadores, as possibilidades que os jornais apresentação são variados, desde uma linearidade dos eventos ao cotidiano ao qual esta inserida, o jornal passa a viver o momento da história. Expressa as relações políticas e sociais da sociedade a qual esta inserida.

As pretensões iniciais do presente trabalho sofreram algumas alterações durante o processo de desenvolvimento de análise das fontes, o Jornal Folha de São Paulo mantém todo seu acervo online e disponível para acesso, de fácil acesso para o público, mas a grande dificuldade encontrada, a barreira que impediu responder todas as questões que o trabalho pretendia contempla, foi à má digitalização do acervo, onde periódicos encontravam-se praticamente todo apagado.

A procura em demonstrar o Jornal Folha de São Paulo inserido nos momentos políticos brasileiros em 1963 abriu uma nova perspectiva sobre as possibilidades apresentadas, a afirmativa da Folha em declarar o seu apoio ao golpe em 1964, trás uma postura diferente a qual o jornal tinha desde o seu início em 1960, apresentando uma linha de pensamento de centro, não se posicionando nem a favor ou contra determinados fatos políticos, em raros momentos encontrasse a opinião de um editor, ainda assim não se pendendo para quaisquer lados da política. Claro que ao se tratar de um meio de notícia estamos relegados às manipulações de informação, omissão e construção de verdades pelos meios difusores de notícias.

Com tudo ao concluir o trabalho, percebesse que as possibilidades de pesquisa são extraordinariamente maiores, o número de informação sobre o governo de Goulart durante o ano de 1963 e mesmo antes disto é fascinante e as perguntas que podem ser respondidas se mostram de uma forma ainda mais empolgante para a continuidade da pesquisa, utilizando o jornal como fonte principal para um desenvolvimento e escrita histórica.

5. FONTES

PILAGALLO, Oscar. Os 90 anos da Folha em 9 atos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 19 fev. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha90anos/877777-os-90-anos-da-folha-em-9-atos.shtml>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Ministros Militares contra a entrega do poder a Jango. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 ago. 1961. p. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1961/08/28/2/>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Ministros Militares contra a entrega do poder a Jango. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 ago. 1961. P. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1961/08/28/2/>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Kennedy mantém-se informado sobre a situação no Brasil. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 ago. 1961. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1961/08/28/2/>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Os ministros militares consideram Jango comprometido com o comunismo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 ago. 1961. P. 1-1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1961/08/28/2/>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). RESTABELECIDAS ONTEM AS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E URSS. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 nov. 1961. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1961/11/24/2/>>. Acesso em: 19 jun. 2016

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). URSS, 8ª nação socialista a manter relações com o Brasil. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 nov. 1961. P. 4. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1961/11/24/2/>>. Acesso em: 19 jun. 2016

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). O Brasil representará os interesses de Havana em Buenos Aires. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 10 fev. 1962. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1962/02/10/2/>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Goulart faz anos e ganha espingarda de Kruchev. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 1 mar. 1963. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1963/03/01/2/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). O POVO DECIDE HOJE NAS URNAS: SIM OU NÃO AO PARLAMENTARISMO. **Folha de São Paulo**. São Pau-

lo, 6 jan. 1963. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1963/01/06/2/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Acordo para a 1.a etapa do trienal. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 mar. 1963. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1963/03/23/398/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Exito da Missão Dantas e a Teimosia do FMI. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 mar. 1963. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1963/03/23/398/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Ministério quase completo: nomeados mais 5 ministros. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 mar. 1963. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1963/06/18/2/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Câmara federal: Reforma agrária (Milton Campos) será rejeitada. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 jun. 1963. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1963/07/23/2/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Goulart: Reformas pelos meios democráticos para evitar violência. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 18 ago. 1963. P. 6. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1963/08/18/2/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Santos: 1,5 Bilhão De Prejuízo Por Dia. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 03 set. 1963. P. 6. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1963/09/03/2/>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Professores Tem O Apoio Da Oposição. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 17 out. 1963. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1963/10/17/2/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). Carvalho Pinto Pede Demissão: Coerência. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 20 dez. 1963. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1963/12/20/2/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO (Brasil). Grupo Folha (Ed.). JG não aceitaria demissão de CP. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 20 dez. 1963. P. 1. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/1963/12/20/2/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

6. REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **História Política: Da Expansão Conceitual Às Novas Conexões Intradisciplinares.** OPSIS, Catalão, v. 12, n. 1, p. 29-55 - jan./jun. 2012.

_____. **História Política: Dos objetos tradicionais ao estudo dos micropoderes, do discurso e do imaginário.**

BORGES, Vavy Pacheco. **História Política: Totalidade e Imaginário.** In Revista Estudos Históricos. Vol. 9, n. 17. Rio de Janeiro, 1996. p. 151-160.

FERREIRA, Jorge, GOMES, Angela de Castro. **1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A Nova "Velha História": O Retorno da História Política.** In Revista Estudos Históricos. Vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro, 1992. p. 265-271.

_____. **História do tempo presente: desafios.** Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

LE GOFF, Jacques. **História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LUCA, Tania Regina de. **Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos.** In PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2011. P. 111-155.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964).** São Paulo: Perspectiva. 2002.

PIRES, Elaine Muniz. **Imprensa, Ditadura E Democracia: A Construção Da Auto-Imagem Dos Jornais Do Grupo Folha (1978/2004).** Projeto História, São Paulo, n.35, p. 305-313, dez. 2007.

RÉMOND, René (org). **Por uma História Política.** Tradução Dora Rocha. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa - Algumas considerações metodológicas.** Revista Projeto História, nº4. São Paulo: PUC, 1985, p. 89-103.